UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA-UESB

ISSN:2763-5716

POLIGES
Revista de Políticas Públicas e Gestão Educacional

EDIÇÕES UESB

ITAPETINGA, 2023

A EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES NA PANDEMIA DE COVID-19 E A CATEGORIA SOCIOLÓGICA DE JUVENTUDES: ENTRE O MAL-ESTAR COLETIVO E O "NOVO NORMAL"

THE EXPERIENCE OF STUDENTS IN THE COVID-19 PANDEMIC AND THE SOCIOLOGICAL CATEGORY OF YOUTHS: BETWEEN COLLECTIVE MALEISE AND THE "NEW NORMAL"

LA EXPERIENCIA DE LOS ESTUDIANTES EN LA PANDEMIA DEL COVID-19 Y LA CATEGORÍA SOCIOLÓGICA DE JUVENTUDES: ENTRE EL MALESTAR COLECTIVO Y LA "NUEVA NORMALIDAD"

Gabriel Cavallari Cortilho
ORCID iD: https://orcid.org/0009-0001-9974-0505
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - Brasil

DOI: 10.22481/poliges.v4i1.11950

Resumo: Com o fechamento das escolas, o ensino à distância e híbrido, a Pandemia de COVID-19 trouxe diversos impactos para a formação e a participação dos estudantes na esfera escolar, marcando diversas gerações e toda a população. Com a volta às aulas presenciais, tais impactos incidiram de formas distintas sobre as classes, sobretudo entre as e os jovens estudantes da classe trabalhadora. Este artigo orienta-se pelas seguintes perguntas de pesquisa, a saber: quais alterações e mudanças ocorreram na participação e na formação das juventudes do Ensino Médio nesse período? Como a categoria sociológica de juventudes pode nos auxiliar na compreensão desse fenômeno? O objetivo é compreender as experiências, a formação educativa e a participação das atuais gerações das e dos jovens em um momento profundamente adverso, marcado por um mal-estar coletivo profundo. O referencial teórico-metodológico poderá ser utilizado como ferramenta de análise para a compreensão do cotidiano, bem como dos sentidos atribuídos pelos estudantes às suas experiências. Trata-se do início de uma pesquisa qualitativa, a partir de textos que se debruçaram sobre as relações entre Pandemia e Educação. Conclui-se que os desdobramentos da pandemia levaram ao mundo dos jovens o aparecimento do fenômeno "novo normal", em que a competência socioemocional da resiliência, em detrimento da resistência social, foi privilegiada nas escolas.
Palavras-chave: Educação; Participação Estudantil; Pandemia; Juventudes

Abstract: With the closure of schools, distance learning and hybrid learning, the COVID-19 pandemic brought several impacts to the fomation and participation of students in the school

sphere, marking different generations and the entire population. With the return to face-to-face classes, such impacts had a different impact on classes, especially among young working-class students. This article is guided by the following research questions: what alterations and changes occurred in the participation and formation of high school youth in this period? How can the sociological category of youth**s** help us to understand this phenomenon? The aim is to understand the experiences, educational background and participation of current generations of young people in a profoundly adverse moment, marked by a profound collective malaise. The theoretical-methodological framework can be used as an analysis tool for understanding everyday life, as well as the meanings attributed by students to their experiences. This is the beginning of a qualitative research, based on texts that focused on the relationship between the Pandemic and Education. It was concluded that the stimuli of the pandemic led to the appearance of the "new normal" phenomenon in the world of young people, in which the socio-emotional competence of resilience, in detriment of social resistance, was privileged in schools.
Keywords: Education; Student Participation; Pandemic; Youths

Resumen: Con el cierre de las escuelas, la educación a distancia y la educación híbrida, la Pandemia del COVID-19 trajo varios impactos a la formación y participación de los estudiantes en el ámbito escolar, marcando a varias generaciones y a toda la población. Con el regreso a las clases presenciales, estos impactos tuvieron un impacto diferente en las clases, especialmente entre los jóvenes estudiantes de clase trabajadora. Este artículo se guía por las siguientes preguntas de investigación, a saber: ¿qué alteraciones y cambios ocurrieron en la participación y formación de los jóvenes de secundaria en este período? ¿Cómo la categoría sociológica de juventud puede ayudarnos a comprender este fenómeno? El objetivo es comprender las vivencias, la formación educativa y la participación de las actuales generaciones de jóvenes en un momento profundamente adverso, marcado por un profundo malestar colectivo. El marco teórico-metodológico puede ser utilizado como herramienta de análisis para comprender la vida cotidiana, así como los significados que los estudiantes atribuyen a sus experiencias. Este es el início de una investigación cualitativa, basada en textos que se centraron en la relación entre la Pandemia y la Educación. Se concluye que las consecuencias de la pandemia llevaron a la aparición del fenómeno de la "nueva normalidad" en el mundo de los jóvenes, en el que se privilegió en las escuelas la competencia socioemocional de la resiliencia, en detrimento de la resistencia social.
Palabras clave: Educación; Participación Estudiantil; Pandemia; Jóvenes

Introdução

Na primeira metade do século XX, em 1929, Freud (1996) alertou que, na Modernidade, mal-estar e civilização caminham, inevitavelmente, juntos. A eclosão da Pandemia de COVID, após o primeiro caso do vírus ser descoberto em Wuhan, na China, em 31 de dezembro de 2019, confirmou a tese do psicanalista austríaco e demonstrou, como as outras trágicas pandemias que ocorreram ao longo da História, que o mal-estar das sociedades foi acentuado, trazendo milhares de mortes, sofrimento e impactos para diversas áreas, como a Saúde, a Economia e Educação, mas não apenas. Com a Pandemia de

COVID-19, muita coisa mudou nas sociedades contemporâneas, sobretudo no campo da saúde mental. Segundo o médico psiquiatra Benilton Bezerra Jr. (2020, p.3), o vírus trouxe mudanças significativas para as subjetividades:

> Ao chegar de maneira abrupta e inesperada, atingiu profundamente todo o planeta, provocou um abalo profundo nas estruturas que dão sentido e coerência ao vivido, ao que experimentamos como a realidade social. E é exatamente isso o que faz com que haja tanta repercussão subjetiva nessa experiência que estamos vivendo. É porque os parâmetros e as referências que vinham dando coerência à realidade até então foram sacudidos e atropelados pela circulação do vírus e de seus efeitos.

A partir de 2020, tornou-se recorrente a falácia de que o vírus possuía um caráter “democrático”, pois assolava a todas pessoas, independente de classe, gênero, etnia ou orientação sexual. Como toda falácia possui um grão aparente de verdade, esta percepção tomou conta dos discursos no senso comum. Porém, ao analisar os dados daquelas que mais morreram e sofreram as agruras da pandemia, nota-se o contrário desta falsa afirmação: as desigualdades, presentes no modo de produção capitalista aumentaram consideravelmente durante esse período.

A Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz) e o IBGE constataram que “a pandemia não foi a mesma para todos”, sendo os que mais morreram e menos receberam vacinas foram as e os negros. O Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde e o Instituto Pólis realizaram dois estudos importantes, em que constataram “que, enquanto 55% de negros morreram por covid, a proporção entre brancos foi de 38%”. (EVANGELISTA, s/d). Esta diferença deu-se pela ausência de uma coordenação e ação governamentais por parte do poder executivo, representado por Jair Messias Bolsonaro, para a classe trabalhadora, o que agravou drasticamente a crise sanitária.

Segundo matéria da Oxfam, a cada 26 horas, surgia um novo bilionário, enquanto caía a renda de 99% da humanidade. Os dez homens mais ricos do mundo dobraram a sua fortuna, de US$ 700 bilhões para US$ 1,5 trilhão (OXFAM, 2022). Outro dado importante é o informe da Unesco, intitulado “América Latina e Caribe: inclusão e educação: todos e todas sem exceção”. Segundo o documento, “seguimos como a região mais desigual, os 10% mais ricos detém 30% do total de recursos, enquanto os 20% mais pobres possuem somente 6%” (FLACH, 2021, p.

17).

O Ensino Médio e os impactos da Pandemia na Educação

Houve um avanço significativo no País após a redemocratização durante a década de 1980, com ampla inserção das camadas populares no Ensino Médio (KRAWCZYK, 2018; SPOSITO, 2000); por outro lado, ocorreram diversos retrocessos decorrentes da ruptura institucional após o afastamento de Dilma Rousseff em 2016, o ‘‘golpeachment” que levou à posse de Michel Temer e, depois, à ascensão de Jair Messias Bolsonaro. Segundo Miguel (2016, p. 31):

> O golpe de 2016 marca uma fratura irremediável no experimento democrático iniciado no Brasil em 1985. Ainda que com limitações, a ordem balizada pela constituição de 1988 garantia a vigência das instituições mínimas da democracia liberal: voto popular como meio necessário para a obtenção do poder político e o império da lei. A derrubada da presidente Dilma, mediante um processo ilegal, sinalizou que tais institutos deixaram de operar e, por consequência, o sistema político em vigor no país não pode mais receber o título de “democracia” – mesmo na compreensão menos exigente da palavra.

Tais retrocessos da ruptura institucional geraram debates, expressos na sociedade civil, e por pesquisadores de diversos campos do conhecimento científico. Segundo Zan e Krawczyk (2019, p. 5), o avanço do conservadorismo vai além do campo educacional e não está restrito apenas ao Brasil.

> Apple (2003) tem acompanhado o avanço do pensamento conservador nos EUA dominando e influenciando a sociedade em geral e a política e prática educacionais, em particular. Para ele, o país está enfrentando um amplo movimento de “modernização conservadora” que recomenda “libertar” as escolas, incluindo-as em um mercado competitivo. Restaurar a cultura tradicional comum e enfatizar a disciplina e o caráter, voltando-se para a doutrina cristã nas salas de aula, como guia de toda conduta dentro e fora da escola, são ideias que retornam. Ao mesmo tempo, o movimento defende a intensificação e o controle dos professores.

Posto em necessidade o isolamento social, a situação do Brasil com a Pandemia de COVID-19 foi radicalmente muito diferente daquela que foi vivenciada pelos estudantes secundaristas que participaram das ocupações de

escolas estaduais em SP (CORTILHO, 2020) e em diversos estados. No atual contexto, aprofunda-se, cada vez mais, o abismo da desigualdade social e econômica entre as classes, desde o período colonial — questão esta ainda não resolvida com seriedade pelo País (SCHWARCZ, 2019; GAVRAS, 2021).

No governo de Bolsonaro, político saudoso da ditadura civil-militar, a Nova República enfrenta dificuldades para aprofundar o regime democrático e vive uma grave crise de legitimidade. Neste momento — marcado por um *mal-estar coletivo* (aumento da fome, da inflação e do desemprego), além do agravamento da *necropolítica*, com a banalização das mortes de COVID-19 por parte do presidente da República e os seus seguidores — a promessa de uma Educação como formação para a cidadania, como previsto na Constituição, e a formação de força de trabalho para o Mercado encontra-se em disputa no Ensino Médio.

Segundo Saviani (2016, p. 42), há uma especificidade na formação social do Brasil, uma vez que, no País, perdura a "resistência de sua classe dominante em incorporar os de baixo na vida política, tramando golpes sempre que pressente o risco da participação das massas nas decisões políticas". Um exemplo disso foi o golpe jurídico, midiático e parlamentar de 2016, em que a Reforma do Ensino Médio foi aprovada durante o governo Michel Temer "a toque de caixa" no Congresso, por meio de uma Medida Provisória sem discussão prévia com toda a sociedade civil e com os educadores[1].

Muitos dos jovens estudantes brasileiros, após a conclusão do Ensino Médio em escolas públicas, possuem a árdua escolha de dividir-se entre o "mundo do trabalho" e o da Escola, tendo que escolher um em detrimento do outro.

Com a Pandemia de COVID-19 esta realidade tornou-se mais complexa e trágica, pois não estávamos preparados para enfrentá-la da melhor forma. As escolas públicas e privadas foram fechadas por tempo indeterminado,

[1] Sua implementação, atualmente em curso nas escolas públicas, além de defender a flexibilização do Currículo por meio de itinerários formativos e reduzir a carga horária das disciplinas de ciências humanas, tem como objetivo inserir o país na reestruturação produtiva do Capital no século XXI. Segundo Catini (2017), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação e Crítica Social, cabe aos estudantes das classes populares o desafio de tornarem-se "empreendedores" para vender a força de trabalho em um mundo cada vez mais desigual e competitivo.

agravando e escancarando as desigualdades existentes (KRAWCZYK; VENCO, 2021). Estudantes das escolas privadas, com acesso à internet, livros, espaço silencioso em casa para os estudos; e, do outro lado, os filhos da classe trabalhadora, sem a estrutura socioeconômica necessária para adaptar-se aos desafios e às agruras que a Pandemia lhes impôs (BONAL; GONZÁLEZ, 2021).

Participação das e dos jovens na esfera escolar

A reflexão sobre a participação das e dos jovens na Escola ocorreu após a leitura do artigo "Jovens do Ensino Médio e participação na esfera escolar: um estudo transnacional" (SPOSITO, ALMEIDA, TARÁBOLA, 2020). A pesquisa que motivou o artigo foi realizada entre 2017 e 2018, portanto, em um momento anterior à Pandemia, e pensa as relações existentes entre Escola e Juventude.

Outro texto que mobilizou o interesse por este campo é "Protagonismo e participação do estudante: desafios e possibilidades"; nele, Volkweiss *et al* (2019) analisam os conceitos participação e protagonismo estudantil, adotando o primeiro como referência para o estudo. Ferreti, Zibas e Tartuce (2004), em contrapartida, utilizam o segundo em suas análises, uma vez que:

> Ao se voltar à etimologia do termo "protagonismo", verifica-se que protagnistés significava o ator principal do teatro grego, ou aquele que ocupava o lugar principal em um acontecimento. Algumas restrições ao termo têm por base tal origem semântica, havendo aqueles que preferem usar "participação", para assegurar uma abordagem mais democrática da ação social, sem colocar em destaque o protagonista singular (FERRETI; ZIBAS; TARTUCE, 2004, p. 413).

Diferentes abordagens das Ciências Sociais, nos estudos sobre as juventudes, são utilizadas para refletir sobre a participação dos jovens na esfera pública. A antropóloga mexicana Rossana Reguillo (2017), na obra *Paisajes Inssurrectos*, destaca a diferença entre duas abordagens distintas.

> 1- A abordagem que entende *a participação de forma institucional*, ou seja, que coloca a mediação no centro da ação política dos jovens de qualquer instituição, associação ou órgão

> que se esforce para “medir” o envolvimento dos jovens nos assuntos públicos. Usualmente foco na participação eleitoral, na vinculação com organizações da sociedade civil [...] 2 - A abordagem que buscou entender *a participação dos territórios de jovens* e que tenta situar- se no que Habermas (1989) chamou de "gramáticas da *vida cotidiana*" para apreender e interpretar as práticas, os imaginários, as estratégias que os jovens realizam no espaço público (REGUILLO, 2017, p. 97).

A partir das reflexões que trouxe das leituras filosóficas de Rancière (1996), a autora definiu o conceito de *participação política*. Segundo a pesquisadora, a participação é uma forma de “vínculo (com os outros), que constrói um novo sujeito frente à instrumentalização da esfera pública […] um litígio que institui a política, e não que deriva dela.

A participação como um “litígio pela palavra” (REGUILLO, 2017, p. 98). O conceito pode ser o ponto de partida para a compreensão da participação das e dos jovens na Escola, uma vez que, desde Aristóteles, guardadas as diferenças históricas da Pólis grega com o capitalismo no século XXI, todo ser humano é um “animal político”, ou seja, não é uma mônada, faz parte de uma comunidade.

O artigo, publicado na revista Estudos Avançados, da Universidade de São Paulo, foi escrito num momento em que a necessidade do distanciamento social e as agruras da Pandemia de COVID-19 não estavam postas em questão. Nele, há uma discussão interessante sobre as e os jovens que ficam em *silêncio* quando perguntados por pesquisadores, ou que exercem uma *participação desconfiada* na esfera pública, e não se engajam plenamente nas questões da Escola[2].

Juventudes na perspectiva da diversidade: categoria social e histórica

Segundo Dayrell (2003), fundador do Observatório da Juventude da UFMG, definir o que é a juventude demanda uma investigação séria e não é uma tarefa fácil. Diversos autores pensaram, reflexivamente, a questão das

[2] A inquietação em investigar este recente tema de pesquisa parte da minha experiência como professor de História em duas escolas públicas na cidade de Campinas: E.E. Barão Geraldo de Rezende e E.E. 31 de Março. Nelas, pude vivenciar a angústia e os desafios de enfrentar esse momento difícil, inesperado por todos. Devido à Pandemia, as diferenças foram muitas, em relação ao período em que lecionei na E.E. Paul Charbonneau, escola na periferia desta cidade.

juventudes no âmbito da Sociologia. Este controverso momento da vida humana já foi visto como “disfunção” ou “patologia”, como na abordagem estrutural-funcionalista de Parsons; ou, ao contrário desta visão negativa, como uma fase de busca por liberdade e questionamento de valores e comportamentos, a partir das teorias críticas, dando a ela um valor positivo.

Há a provocação de Bourdieu (1983) de que “a juventude é apenas uma palavra”, respondido pelos sociólogos argentinos Margulis e Urresti (1996): “a juventude é mais do que uma palavra”. Mas como podemos definir o que é a juventude, em linhas gerais, suas principais características, sem fragmentá-la?

Apesar de soarem termos semelhantes, é importante diferenciar a adolescência da juventude: enquanto a primeira pertence ao campo das ciências médicas e da Psicologia; a segunda foi melhor desenvolvida pelas Ciências Sociais (GROPPO, 2017).

Dayrell (2003) menciona o trabalho de Alberto Melucci, sociólogo e terapeuta italiano que se debruçou sobre ambos os temas, a adolescência e a juventude.

> Para ele, existe uma sequência temporal no curso da vida, cuja maturação biológica faz emergir determinadas potencialidades. Nesse sentido, é possível marcar um início da juventude, quando fisicamente se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de autossuficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos (DAYRELL, 2003, 42).

A Sociologia da Juventude surgiu no Brasil durante a década de 1970, com os trabalhos de Marialice Foracchi (1972; 1977) sobre os estudantes universitários, o movimento estudantil, pioneira ao refletir sobre os jovens como uma categoria social relevante. Segundo a socióloga: “menos do que uma etapa cronológica da vida, menos do que uma potencialidade rebelde e inconformada, a juventude sintetiza uma forma possível de pronunciar-se diante do processo histórico e de constituí-lo” (FORACCHI, 1965, p.303).

Apesar de não ter se debruçado exaustivamente sobre as questões relativas ao universo da juventude, outra contribuição teórica partiu do sociólogo Octávio Ianni, que escreveu o trabalho “o jovem radical”, em 1963. Com uma

diminuição dos trabalhos sobre a juventude na década de 1980, a Sociologia da Juventude viu nascer, nas décadas posteriores, novos trabalhos. E outras pesquisas foram, com o tempo, consolidando este campo de estudo (PAIS, 1993; SPOSITO, 1993; 2000; DAYRELL, 1999, 2001).

Categorias importantes para a compreensão das juventudes contemporâneas

Na obra *Introdução à Sociologia da Juventude*, Groppo (2017) afirma que Margulis e Urresti (1996) trouxeram uma contribuição significativa à Sociologia da Juventude ao pensarem três características, ou *princípios comuns*, que marcam a juventude: geração; moratória social; moratória vital.

A juventude é uma *categoria histórica*, porque ela nem sempre existiu no tempo e no espaço e não é a mesma dependendo do contexto histórico. Em sociedades tradicionais, com ritos de passagem definidos, como nas sociedades indígenas, ou nas sociedades antigas e medievais, “ser jovem” não era uma realidade posta como possibilidade. E a juventude constitui-se como uma *categoria social*, porque ela não é vivenciada da mesma forma por todos os jovens, ou seja, dependendo do pertencimento à classe na estrutura socioeconômica, os jovens têm oportunidades e restrições diversas entre si.

A partir dos séculos XVIII e XIX, nas classes mais abastadas, com a prolongação do tempo dos estudos e uma maior capacidade para postergar as exigências do mundo adulto, os jovens passam a experimentar a *moratória social*: “o direito a um período de experiências, a um tratamento mais tolerante em comparação com outras categoriais etárias e o adiamento de certas obrigações sociais” (GROPPO, 2017, p. 82).

Segundo o autor, o segundo princípio em comum que permeia a juventude é a *experiência geracional*, ou seja, um conjunto de vivências temporais e transformações. Por exemplo, com a eclosão da Primeira Guerra, em 1914, delineia-se a divisão entre diferentes gerações diferentes: aqueles que criaram a guerra; os que lutaram e os que cresceram em um mundo em ruínas. E a *moratória vital*: característica que permeia os jovens de todas as classes, a depender das condições materiais e psíquicas: uma energia corporal e uma distância da morte que os adultos e os idosos não possuem.

Groppo (2017) destaca a importância das reflexões de Manhhein e Eisenstadt no campo da Sociologia, para a compressão da categoria de juventude, em especial sobre o conceito de geração. Após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, que terminou em 1945, surgiu o termo *baby boomers* para designar toda uma geração de pessoas que nasceram em um período com aumento da natalidade e crescimento econômico.

Ao analisar que os membros de uma geração compartilham um conjunto de experiências sociais e históricas em comum, ou seja, “uma forma de sentir o mundo e interpretar os fatos presentes, distinta das gerações precedentes” (GROPPO, 2017, 87), Mannheim contribuiu à Sociologia.

Do Pós-Guerra aos tempos atuais, outros termos surgiram para designar as gerações que foram surgindo: *geração X* (nascidos entre 1960 e 1980); *geração Y*, conhecidos como “millennials” (1980 - 1995); *geração Z* (1995 - 2010); *geração alfa* (nascidos a partir de 2010). Esta pluralidade de gerações faz com que, nas sociedades contemporâneas, tornem-se comuns e até mesmo inevitáveis os “conflitos de geração”. Ao se relacionarem com pessoas de idade diferentes, há a possibilidade de que ocorram diferenças, desavenças, estranhamento, com quem cresceu em outras épocas distintas.

Uma análise comparativa dos relatos dos estudantes do Ensino Fundamental, Médio e dos adultos (professores e demais trabalhadores), apesar demandar maior tempo e esforço individual e coletivo, seria capaz de fornecer um estudo mais amplo sobre a recente Pandemia em uma perspetiva intergeracional, levando em consideração diversas idades, situações de classe e experiências. Segundo Tomizaki (2010, p. 334):

> idade e situação de classe só farão sentido na compreensão de uma geração na medida em que puderem ser relacionadas a um conjunto significativo de experiências compartilhadas pelos membros do grupo estudado […] somente a conjugação desses três elementos (idade, situação de classe e experiências comuns) pode revelar, de modo preciso e refinado, os contornos de uma geração.

Portanto, o espaço das instituições escolares, singulares mas semelhantes entre si em um sistema, revela-se fecundo para o estudo das experiências entre as gerações que nelas coexistem, uma vez que, nas escolas, transitam pessoas

de diferentes idades (NÓVOA, 2010; SPOSITO, ALMEIDA, TARÁBOLA, 2020).

Dialética da juventude e as classes sociais em meio à Pandemia

Uma provocação foi feita por Byung Chul-Han (2020) no jornal El País, quando o filósofo sul-coreano expressou que o vírus, no capitalismo, tornou visível a existência de duas classes: os que podem se proteger em seus carros e os que devem arriscar as suas vidas em transportes coletivos. Isso, para além das gerações, põe em questão a importância da classe para as Ciências Sociais.

Segundo Luz *et al* (2021, p. 184) realizaram um importante trabalho sobre as juventudes na Pandemia do Covid-19, em um artigo repleto de análises sobre as experiências das e dos jovens. O trabalho recupera o trabalho de Santos (2020). Segundo o sociólogo: "quanto pior a posição social, tanto pior a saúde".

Em outros termos: "a estrutura social hierarquiza a distribuição da saúde". Outra contribuição é o trabalho de Pires, Carvalho e Xavier (2020). Segundo os autores, a população de baixa renda, com menor escolaridade e acesso às informações, além de mais vulneráveis à crise econômica que se acentuou na Pandemia, possuíam maior probabilidade de internação por COVID-19.

> A pandemia de Covid-19 encontra a população brasileira em situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego, desmonte das políticas sociais e intensos cortes em saúde e pesquisa no Brasil […] a condição juvenil corresponde ao modo como a sociedade posiciona os jovens em determinadas estruturas sociais. Mais do que uma faixa etária, a condição juvenil é uma posição nas hierarquias sociais (LUZ *et al*, 2021 p. 184).

Ao defender a reflexão de Marx a partir de uma teoria social “vista de baixo”, o conceito de classe social foi desenvolvido pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson, pertencente à “nova esquerda”. Segundo ele, a classe corresponde ao:

> Modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas no interior do conjunto das relações sociais, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual valeram dessas experiências em nível cultural (THOMPSON, 2012, p. 277).

Se, por um lado, é fundamental compreender as especificidades de cada faixa etária, desvelando suas diferenças fundamentais; por outro, tal análise não pode estar dissociada de dimensões, como a classe, o gênero, a etnia, a região em que as pessoas vivem e quais valores e crenças professam.

Groppo (2021) mencionou a relevância da *dialética da juventude* para compreender realidade das e dos jovens, em uma entrevista que analisou as questões levantadas pelos estudantes que participaram das ocupações no Brasil.

> A *dialética da juventude* parte do princípio de que não há uma única e homogênea juventude, mas sim que a condição etária juvenil é importante fator social, que orienta condutas e a relação dos sujeitos com o mundo, em combinação com outros elementos sociais que estruturam as experiências, tais como classe social, gênero, etnia, região, religião etc. Esta combinação é largamente orientada pelo contexto sóciohistórico, que pode fazer com que dado elemento estrutural seja mais decisivo que outro em certo momento – tal como o gênero no próprio movimento das ocupações, assim como nas eleições de 2018. A classe social é elemento fundamental para compreender as experiências da condição juvenil no cotidiano e no extra-cotidiano (como os protestos juvenis). Toda análise deve tomar a classe social como possível fator explicativo, o que não é o mesmo que vaticinar seu determinismo, independente dos dados empíricos (GROPPO, 2021, p. 301).

Além da *concepção crítica*, ou classista, de juventude, que deu à juventude um valor positivo que não estava presente nas teorias tradicionais, o "trunfo" das teorias pós-críticas seria compreender o tempo do cotidiano e as experiências subjetivas dos sujeitos. Groppo (2021, p. 300), por outro lado, pondera que as *teorias pós-modernas*, quando "levadas ao limite, podem nada mais do que tentar fotografar o caos, perdendo muito de sua capacidade explicativa".

Dayrell (2003) recupera o trabalho de Peralva (1997) e ressalta que é importante considerar a juventude uma categoria social e histórica. Ela compreende tanto uma *condição social* específica, quanto um modo de *representação*, ou seja, os jovens vivem situações marcadas pelas determinações da realidade social, política e econômica e, ao mesmo tempo, criam sobre si ideias e criações simbólicas acerca do que é "ser jovem".

Há as determinações econômicas, que situam os jovens em hierarquias

desiguais na sociedade, com condições de vida diferentes em que as oportunidades não são as mesmas entre os jovens (LUZ *et al*, 2021). E há, também, as experiências das juventudes, que produzem diversas culturas, dentre elas: o rap, o pop, o funk, o hip-hop, os variados tipos de rock, o samba, o pagode, o sertanejo, enfim: as múltiplas expressões que as juventudes se expressam.

No contexto da Pandemia de COVID-19, em que o isolamento social, o uso das máscaras e, em alguns lugares, o *lockdown,* teve de se impor, o convívio humano e a socialização foram drasticamente impactados em todo o mundo, sobretudo na periferia do sistema. Isso faz com que socialização seja um conceito fundamental para compreender as interações e entre as diversas gerações da população brasileira.

Desde muito cedo, as crianças possuem acesso aos celulares, às informações e aos aplicativos. Pessoas de diversas idades, com exceção dos mais pobres e do lúmpen do proletariado, que não têm acesso ao mundo digital por não terem sequer uma morada ou alimento na mesa, tem acesso aos conteúdos instantâneos, verídicos ou não, que circulam, na sociedade da informação, o que é diferente de dizer “sociedade do conhecimento”.

No mundo, e em particular no Brasil, houveram o fenômeno dos negacionismos e as “fake news”, que contradiziam as evidências científicas e a importância das medidas sanitárias. Esse período trouxe muitas consequências para toda a população e a juventude trabalhadora: altos índices de desemprego; dificultou o lazer da população e a produção da vida cultural dos artistas.

Considerações finais

Após o início da vacinação, em janeiro de 2021, que demorou a ocorrer, e com o aumento desta pelo País, tornou-se recorrente a expressão de que se enfrentava um “novo normal”. As escolas foram, aos poucos, sendo frequentadas pelos estudantes e outros espaços voltando à “normalidade”. Nesse período, foram estimuladas tecnologias digitais através do uso contínuo do ensino remoto, do Centro de Mídias e plataformas de ensino: desiguais de acordo com a infraestrutura das Escolas e as condições de acesso à internet das e dos alunos.

Sobre o período denominado “novo normal”, como se antes houvesse alguma normalidade no Brasil, governos e muitas pessoas normalizaram uma situação trágica e profundamente complicada, expondo os profissionais da Educação aos riscos da Pandemia. Segundo Zan e Krawczyk (2021, p.124):

> No atual contexto, em que se aprofunda a crise econômica, e o Estado tem se omitido, tornando as condições de vida ainda mais difíceis para a maioria da população, investir em uma educação focada no desenvolvimento de competências socioemocionais e, em especial, na habilidade de resiliência, nos parece ser uma aposta em uma formação compatível com a adoção de um ‘novo normal’ e ‘inevitável’ contexto educacional, social e econômico, que em nada se compromete com transformações sociais significativas.

Vale destacar que a importância das vacinas e das pesquisas científicas, e a larga capilaridade do sistema único de saúde (SUS) por todo País, fez com que o número de mortes diminuísse, a situação dos hospitais melhorasse e a situação se modificasse. Enquanto outros países, que valorizaram os cientistas, não vivenciaram a tragédia que o Brasil viveu, com mais de 700 mil mortos.

Entretanto, mais do que a primazia de um Estado sobre outro em lidar com o vírus, a Pandemia expôs o fracasso do capitalismo em enfrentar o corona vírus e a sua contenção em marcos humanitários. Enquanto os países mais ricos vacinavam as suas populações, os países economicamente mais pobres necessitavam de vacinas e não as obtinham. Isso implica em considerar que Estado e Capital se sobrepõem aos interesses humanos (DAVIS, 2020)[3].

Referências

BONAL; GONZÁLEZ, 2021. O impacto do lockdown nas lacunas de aprendizagem: clivagens familiares e escolares em tempos de crise. In: KRAWCZYK, Nora; VENCO, Selma. **Utopias e distopias na educação em tempos de Pandemia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BRITO, Luciana Ribeiro. **“Você fecha a minha escola e eu tiro o seu sossego”: ocupações secundaristas e movimento estudantil**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2018.

[3] Ressaltamos um trabalho coletivo significativo, realizado Mike Davis, David Harvey, Alain Bihr, Raúl Zibechi, Alain Badiou e Slavoj Zizek, intitulado “Corona vírus e a luta de classes”, publicado pela editora Terra Sem Amos. Nele os autores refletem sobre as limitações do neoliberalismo para enfrentar com a devida urgência a dramaticidade da Pandemia.

CAMPOS, Antônia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. **Escolas de Luta.** São Paulo, SP: Veneta, 2016. (Coleção Baderna).

CATINI, Carolina. **Privatização da Educação e Gestão da Barbárie**. Edições Lado Esquerdo, 2017.

CHAGAS, Marcos Rogério Jesus. **História da Organização Estudantil e os Grêmios na Atualidade**. Universidade Estadual de Londrina – UEL. Acesso em 19/09/2016.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CORTILHO, Gabriel. **Do eu ao nós: a construção da identidade coletiva secundarista em ocupações de escolas públicas no Estado de São Paulo (2015)**. 2020. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

DAVIS, Mike, *et al*. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra Sem Amos: Brasil, 2020.

EVANGELISTA, Ana Paula. **Negros são os que mais morrem por Covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil**. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil. Acesso em 03/03/ 2023.

FLACH, Simone. Educação brasileira na encruzilhada: incertezas sobre os encaminhamentos político-educacionais em tempos de pandemia. In: **Educación, desigualdad y pandemia en América Latina: miradas desde el campo de la política educativa**. GOROSTIAGA, Jorge; ALMADA, Jhonatan, FLACH, Simone. São Luís: CIEPP, 2021

FERRETTI, Celso; ZIBAS, Dagmar; TARTUCE, Gisele. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, maio/ago. 2004

FORACCHI, M. M. (1965), **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

FREUD, Sigmund. **O mal-Estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929), 1996.

GAVRAS, Douglas. EL PAÍS. **Entenda como os ricos ficaram mais ricos na pandemia.** Brasil ganhou bilionários em 2020 e 1% mais rico passa a concentrar metade da riqueza do país durante a pandemia. 6.nov.2021

HAN, Byung-Chul. **O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã**, segundo o filósofo Byung-Chul Han. Disponível em: https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html. Acesso em: 03/04/2022.

VENANCIO, Ana Teresa; Cristiana, FACCHINETTI, Flavio. **Mal-estar psíquico na pandemia: aspectos socioculturais**. Parte 2, Fiocruz, 2020.

KRAWCZYK, Nora; VENCO, Selma. Juventude acossada Pandemia, violência policial, fundamentalismo religioso e outras ameaças. In: KRAWCZYK, Nora; VENCO, Selma. **Utopias e distopias na educação em tempos de pandemia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

KRAWCZYK, Nora (org.). **Escola pública:** tempos difíceis, mas não impossíveis. Campinas,SP: FE/Unicamp; Navegando Edições, 2018.

KRAWCZYK, Nora. ZAN, Dirce. A disputa cultural: o pensamento cultural no Ensino Médio brasileiro. **Revista Amazônida**, Manaus, vol. 04, n 01, 2019.

LUZ *et al*. **Os jovens brasileiros em tempos de Covid-19**. Revista Princípios, n. 160, nov./ dez. 2021.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. In: ARIOVICH, Laura. La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.

MARTINS, Caio; CORDEIRO, Leonardo; MANDETTA, Luiza; HOTIMSKY, Marcelo. A experiência da Poligremia – autocrítica em busca de um sentido histórico no movimento secundarista. **Passa Palavra**, 21/06/2012.

MELUCCI, Alberto. **O Jogo do Eu:** a mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo,RS: Editora da Unisinos, 2004.

MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente:** Movimentos Sociais em Sociedades Complexas. Tradução de Maria C. A. Bonfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MIGUEL, Luis Felipe. **A democracia na encruzilhada**. In: JINKINGS, Ivana, DORIA, Kim, CLETO, Murilo (Orgs.). Por que Gritamos Golpe? Para entender o impeachment e a crise

política no Brasil.São Paulo: Boitempo, p. 31-37, 2016.

NÓVOA, Antônio. Relação Escola-Sociedade: novas respostas para um velho problema. São Paulo: Unesp; **Univesp**, 2010.

PIOLLI, Evaldo; PEREIRA, Luciano; MESKO, Andressa. A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil secundarista. **Crítica Educativa,** São Carlos, SP, v. 2, n. 1, p. 21-35, 2016.

REGUILLO, Rossana **Paisajes insurrectos:** jóvenes, redes y revueltas en el otoño civilizatório. [*S. l.*]: NED ediciones, 2017.

SANFELICE, José Luis. **Movimento estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 1964**. Campinas: Alínea, 2008.

SAVIANI, Dermeval. A crise política e o papel da educação na resistência ao golpe de 2016 no Brasil. Aula de Abertura do Curso Livre “O Golpe de 2016 e a Educação no Brasil”. In: Krawczyk, Nora; Lombardi, José Claudinei (Orgs.). **O golpe de 2016 e a educação no Brasil**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

SCANDOLARA, Patricia. Vida é movimento: interconexões entre grêmio estudantil e ciberativismo. **VIII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Florianópolis (SC), 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.294

SOARES, José. BELIERO JUNIOR, José Carlos. Organização e dinâmica da mobilização e participação política: os grêmios estudantis das escolas públicas e privadas de Santa Maria. **Argumentos**, vol. 17, n.1, jan./jun. 2020 Departamento de Ciências Sociais, Unimontes-MG 2020.

SPOSITO, Marilia; ALMEIDA, Elmir, TARABOLA, Felipe. Jovens do Ensino Médio e participação na esfera escolar: um estudo transnacional. **Estudos Avançados**, São Paulo, SP. 2020.

SPOSITO, Marília; TARÁBOLA, Felipe. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, RJ, v. 22, n. 71, 2017.

SPOSITO, Marilia Pontes. **Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal**. Educação & realidade., Porto Alegre, RS, v. 33, n. 2, p. 83-98, 2008. Disponível em: < http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/7065/4381.

SPOSITO, Marília. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, RJ, n. 13, p. 73-94, 2000.

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano:** trânsitos pelas culturas juvenis e pela "escola da vida". 2008. 400f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Perguntas e respostas: o que é um grêmio?**. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/noticias/perguntas-e-respostas-o-que-e-um-gremio-escolar/. Acesso em: 14/ 6/ 2022.

THOMPSON, E. P. **Algumas observações sobre classe e 'falsa consciência'**. In: NEGRO, A. L.; SILVA, S. (Org.). As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Campinas: Edunicamp, 2012.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos. **Educação & Sociedade,** Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr.-jun. 2010

TRAGTENBERG, Mauricio. A escola como organização complexa. **Educação & Sociedade,** Campinas, SP, v. 39, n. 142, p.183-202, 2018.

ZAN, Dirce. KRAWCZYK, Nora. Resiliência ou resistência: um dilema social pós-pandemia. **Universidad, formación, políticas y prácticas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 106-128, 2021.

SOBRE O AUTOR

Gabriel Cavallari Cortilho
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp (2021) e graduado em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Unesp - Franca (2016). Correio eletrônico: gcortilho1917@gmail.com.

Submetido em: 21 de janeiro de 2023.
Aprovado em: 08 de maio de 2023.
Publicado em: 30 de junho de 2023.